

Arquitetura como Narrativa, Baseada em Fatos Reais

Architecture as a Narrative, Based on Real Facts

Arquitectura como Narrativa, Basada en Hechos Reales

Marta Bogéa, Arquiteta, Professora Doutora do Departamento de Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Brasil; mbogea@usp.br.

Resumo

Esse artigo analisa o projeto Urbanização Santo Onofre (2010) de autoria dos arquitetos Antonio Carlos Barossi e Milton Nakamura, do escritório Barossi Nakamura arquitetos. A singularidade do projeto decorre de sua atenção à preexistência, incluindo aquelas resultantes de autoconstrução, e, no modo como ao delinear arquitetura desenha a cidade ou seja em sua atenção aos espaços compartilhados e coletivos. Para isso acompanha a argumentação presente em "Pós-Produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo" (Bourriaud, 2009), "A invenção do cotidiano: Artes de Fazer" (de Certeau, 1994), "JUNTOS: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação" (Sennett, 2012). O projeto permite reconhecer o "compromisso para com o todo difícil" apontado como traço desejável da arquitetura contemporânea em "Complexidade e Contradição na Arquitetura" (Venturi, 1966) por se estabelecer como uma natureza de arquitetura na qual os autores, atentos à realidade existente, propõem materialidade como narrativa baseada em fatos reais. Dentre os tópicos propostos pelo editorial da revista aproxima-se de "Complexidade, Experiência, Narrativa, Práticas, Responsabilidade Solidária, Urbanidade, Utopia".

Palavras-chave: Complexidade; Narrativa; Arquitetura Contemporânea Brasileira; Urbanização Santo Onofre; Barossi Nakamura Arquitetos.

Abstract

This article reviews the Santo Onofre Urbanization project (2010) designed by the architects Antonio Carlos Barossi and Milton Nakamura from the Barossi Nakamura Arquitetos office. The uniqueness of the project stems from its attention to preexistence - including self-constructed buildings - and from how by delineating architecture the city is designed, that's to say, its attention to the shared and collective spaces. To that end, it follows the argumentations found in, "Pós-Produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo" (Bourriaud, 2009), "A invenção do cotidiano: Artes de Fazer" (de Certeau, 1994), "JUNTOS: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação" (Sennett, 2012). This project allows us recognize the commitment "to the difficult whole" pointed out as a desirable contemporary architecture feature in "Complexidade e Contradição na Arquitetura"(Venturi, 1966) because it is established as a kind of architecture in which the authors, attentive to the existing reality, propose materiality as the real-fact based narrative. The topics proposed by the journal's editorial address, "Complexidade, Experiência, Narrativa, Práticas, Responsabilidade Solidária, Urbanidade, Utopia".

Keywords: Complexity; Narrative; Contemporary Brazilian Architecture; Santo Onofre Urbanization; Barossi Nakamura Architects.

Resumen

Este artículo analiza el proyecto Urbanización Santo Onofre (2010) de autoría de los arquitectos Antonio Carlos Barossi y Milton Nakamura, del estudio de arquitectura Barossi Nakamura. La singularidad del proyecto es el resultado de la atención dada a la preexistencia, incluyendo aquellas que son resultantes de la autoconstrucción y de la manera en que, al delinear la arquitectura, diseña la ciudad dándole atención a los espacios compartidos y colectivos. Para eso, sigue la argumentación presente en "Pós-Produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo" (Bourriaud, 2009), "A invenção do cotidiano: Artes de Fazer" (de Certeau, 1994), "JUNTOS: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação" (Sennett, 2012). El proyecto permite reconocer el "compromiso con el todo difícil", señalado como característica deseable de la arquitectura contemporánea en "Complexidade e Contradição na Arquitetura"(Venturi, 1966) por establecerse como una naturaleza de arquitectura en la cual los autores, atentos a la realidad existente, proponen la materialidad como narrativa basada en hechos reales. Entre los temas propuestos por la editorial de la revista se enfocan "Complexidade, Experiência, Narrativa, Práticas, Responsabilidade Solidária, Urbanidade, Utopia".

Palabras Clave: Complejidad; Narrativa; Arquitectura brasileña contemporánea; Urbanización Santo Onofre; Barossi Nakamura Arquitectos.

INTRODUÇÃO

Este texto se organiza atento ao debate que se segue a década de 1990, momento de superação do confronto direto com o moderno. Acata a provocação de Bourriaud (2009) na convicção de que menos interessa a novidade e mais a apropriação pertinente de elementos existentes; a acuidade com que de Certeau (1994) retoma a presença das paisagens humanas associadas às paisagens materiais prenes de lembranças e tempos empilhados; a sagacidade de Sennett (2012) ao recuperar a noção de conserto após tanto tempo de simples fabricações novas e substituições, evitando a ilusória construção de inéditos, novos “puros”.

Retorna aspectos apontados por Venturi, já na década de 60 e seu “compromisso para com o todo difícil” proposto em “Complexidade e Contradição na Arquitetura” (1966) e, sua criteriosa atenção ao corriqueiro norte-americano, no texto escrito em parceria com Denise Scott Brown e Steven Izenour “Aprendendo com Las Vegas”(1977).

Vale retomar seus termos em “Aprendendo com Las Vegas”, na introdução do livro:

“Aprender del paisaje existente es la manera de ser un arquitecto revolucionario. Y no de un modo obvio, como esse arrasar París para empezar de nuevo que proponía Le Corbusier em los años veinte, sino de un modo distinto, más tolerante poniendo em cuestión nuestra manera de mirar a las cosas. (...) La arquitectura moderna lo há sido todo menos tolerante: sus arquitectos prefirieron cambiar el entorno existente a mejorar lo que estaba allí.” (1982, p.22)

E, no “suave manifesto” proposto por ele em Complexidade e Contradição em Arquitetura:

“(…) Gosto mais dos elementos híbridos do que dos “puros”, mais dos que são fruto de acomodações do que dos “limpos” (...) sou mais favorável à vitalidade desordenada do que à unidade óbvia (...) Prefiro “tanto...como” a “ou....ou”. **Para concluir que** “uma arquitetura de complexidade e contradição tem uma obrigação especial em relação ao todo (...) deve consubstanciar a difícil unidade de inclusão, em vez da fácil unidade de exclusão”. (1995, p2)

Aspectos anunciados por Venturi em um momento ainda de oposição direta ao Moderno e que aqui são convocados não por essa oposição mas pela oportunidade na *difícil unidade da inclusão* como parte hoje de um procedimento reconhecível em mais de um arquiteto autor que sabem lidar com as paisagens existentes sem simplesmente se imobilizar ou se sobrepor a elas.

Pois, se os arquitetos modernos enfrentaram de modo transformador a disciplina, atizados pelo ímpeto de seguir sempre adiante e aptos a “sobreviver à história e a cultura” (BOGÉA: 2014, p103), a nós cabe valorizar certa arquitetura

que, na evidência de sua materialidade poética, ao invés de apagar rastros ou construir um mais além, reconcilia-se com a espessura do tempo de onde se pode vislumbrar o traço coletivo da cultura. Sem promessa de futuro, ou nostalgia de passado, mas atentos ao presente naquilo que ele configura e que por algum tempo perdurará.

Coexistir com o(s) passado(s) sem, contudo, mitificá-los, ou simplesmente recomeçar na ilusão de um momento inédito, aponta para o convívio de tempos distintos, no qual prevalece no presente a construção de um híbrido, resultado da aproximação e uso de construções de tempos variados.

“Baseado em fatos reais” é expressão comum no cinema. Refere-se àquelas obras nas quais uma narrativa apresenta fato ocorrido. Vale observar que diferente dos documentários que afirmam o real, a obra “baseada em fatos reais” sabe-se também ficcional. Distingue-se da pura imaginação, pois quando “apenas ficcional” as obras costumam registrar: “essa é uma obra de ficção qualquer semelhança com fatos ou pessoas terá sido mera coincidência”.

Como bem observa François Soulages:

“A ficção não é, antes de mais nada, mentira ou ilusão: é uma ferramenta que possibilita a criação do outro em função dos próprios desejos e temores; é sobretudo, um meio para viver melhor sua própria relação com o real e apreender, mesmo pelo pensamento, esse real.” (2009, p.149)

O mesmo autor comenta que a palavra ficção em francês remete a dois sentidos: o que é mentiroso e falso, e o que é imaginado e inventado, sem intenção de enganar. A primeira acepção foi tida como única pela ideologia realista. Mas, a ficção pode ser fonte de verdade se tomada livre da acepção realista. E, no entendimento do autor “a ficção talvez seja o melhor meio para compreender a realidade.” (SOULAGES: 2009, p.154)

Ficção, entendida como imaginação de algo que ainda não existe mas que se apresenta oportuno na transformação do real. Ferramenta que liberta da pura factualidade de como as coisas se apresentam em um certo presente sem, contudo, abrir mão de reconhecer e apreender a realidade encontrada.

O projeto de arquitetura e urbanismo que se segue, Urbanização Santo Onofre (Barossi Nakamura, 2010), constitui-se nesse umbral onde fato e ficção se retroalimentam, realizando-se como uma proposta na qual qualquer semelhança com fatos reais não terá sido mera coincidência.

URBANIZAÇÃO SANTO ONOFRE

O conjunto de assentamento misto – parte reconhecido como cidade formal e parte informal, configurada fora da legislação em vigor e por autoconstrução – exigia uma urbanização atenta à estabilidade e salubridade. Algumas decisões de projeto singularizam a ação. No contexto deste artigo, duas delas, descritas a seguir, são particularmente relevantes.

A primeira, uma criteriosa articulação com o existente, resultado de um detalhado diagnóstico de cada um dos três pavimentos de cada edificação que identifica e classifica as habitações em “*bom estado, consolidável; bom, necessita pouca melhoria para consolidar; precária, necessita melhorias para consolidar; muito precária, não consolidável; não avaliado*” ou seja ao invés de atender ao ímpeto de substituição integral busca reconhecer o que substituir e o que reformar mantendo a população prevista com pequeno excedente de 11 unidades.

A segunda, a atenção à paisagem humana e ao modo de viver lá interferiu no traçado do projeto, em um dos mais emblemáticos aspectos, no traçado dos caminhos. Vale acompanhar: paralela a Rua Sérgio Cardoso na parte baixa da encosta e a Rua Monteiro Lobato, na parte alta, pode-se reconhecer facilmente uma viela quase linear na continuidade da Rua Amilton Fernandes. O gesto habitual de projeto seria realizar essa linearidade insuflando o conjunto por essa espinha dorsal central atravessando longitudinalmente e em uma única cota todo o conjunto. Uma conversa de bar, enviesada, alerta aos arquitetos de que é “melhor não” conectar fluidamente os dois lados habitualmente segregados e com hábitos tão distintos – a não ser que se queira instaurar uma “guerra lá”, previnem os moradores (NAKAMURA, 2015). A revisão da proposta acata o alerta e usufrui de atenção à estrutura “rizomática” dos caminhos existentes – traço das ocupações informais - e configura caminhos derivativos ao invés de um eixo central. As imagens a seguir, resultado de levantamento, revelam tanto a natureza de vielas e escadarias quanto as construções mais típicas no miolo da quadra.



Figuras 1 e 2: Vista do miolo da quadra e de uma das estreitas escadarias urbanas. Fonte: Barossi Nakamura arquitetos.

Percorrer pelo “Street view” a Rua Amilton Fernandes (grafada como Hamilton Fernandes, nos desenhos do projeto) do início, fora da área de intervenção, na esquina em que se encontra a unidade da polícia do Estado de São Paulo até trecho sem saída para automóveis, conectado por uma escadaria a Rua Sérgio Cardoso, no miolo da quadra de intervenção permite reconhecer o limite entre cidade formal e informal. Vale seguir o percurso a partir do google (ver figuras 3,4,5) em relação aos desenhos de implantação geral da intervenção.



Figuras 3, 4, 5. Rua Amilton e escadaria na Rua Sérgio Cardoso que conecta a Rua Amilton no início da intervenção. Fonte: Google-maps, acesso em março de 2017.



Figura 6: situação atual e remoções propostas: em rosa remoção em área prevista de intervenção, em roxo remoção em área consolidada, observar lote em roxo na rua Sérgio Cardoso. Fonte: Barossi Nakamura arquitetos.



Figura 7: desenho de implantação do projeto: em ocre circulação e novos “largos” e pequenas praças, em roxo casas retificadas, desenho com layout correspondem aos térreos dos novas blocos construídos. Fonte: Barossi Nakamura arquitetos.

A complexidade híbrida é tom do projeto – edita novos edifícios e novos caminhos com que encontra lá. Enfrentar a justaposição existente de uma cidade formal bastante consolidada nas bordas e um miolo ocupado de modo informal é o principal desafio do projeto. Os desenhos de diagnóstico, remoções e novas implantações merecem atenção.

Na proposta se pode reconhecer que a rua situada na cota intermediária, antiga viela, se torna acesso mais amplo pela remoção de três casas. Assim como outras casas existentes são retificadas ou substituídas pelo novo conjunto edificado, configurando-o no centro da intervenção junto ao acesso pela Rua Monteiro Lobato, que será o principal eixo transversal da gleba. Mas, a ramificação, ao invés de uma única linha contínua, mantendo o “intervalo” no caminho, exige reposicionamento do corpo e mudança de níveis pela manutenção e retificação das casas que “interrompem” o circuito.

Barthes, no Seminário Como Viver Juntos, propõe uma aporia pois, para viver junto, é preciso constituir uma ética das distâncias. Vale retomar os termos do autor (2003, p.141):

“O Viver-Junto, sobretudo idiorrímico, comporta uma ética (ou uma física) da distância entre os sujeitos que coabitam. (...). Coloco aqui, brevemente, uma forma desse problema (mas não a sua solução): a distância entre os corpos (no Viver-Junto).

O problema pode ser anunciado sob a forma de uma aporia, e essa aporia é uma cadeia:

1. O corpo dos outros – do outro – me perturba. Eu desejo, experimento a energia e a falta do desejo, entro na tática esgotante do desejo.
2. Dessa perturbação, induzo, fantasio um estado que a faça desaparecer: a hesykhía: a pacificação do desejo, a folga não dolorosa, a equanimidade.
3. Edito, então, certas regras para chegar à hesykhía. Em geral, essas regras são de distância com relação aos outros corpos, desencadeadores de desejo.
4. Mas ao matar o desejo do outro, dos outros, mato o desejo de viver. Se o corpo do outro não me perturba, ou se não posso jamais tocar o corpo do outro, para que viver? A aporia está fechada”.

Barthes explicita em um trecho anterior o que entende por Idiorritmia, palavra formada a partir do grego ídios (próprio, particular) e rhythmós (ritmo). Fala de uma fantasia de vida, de regime, nem dual, nem plural (coletivo). Nos termos do autor (2003, p.12-13): *“Algo como uma solidão interrompida de modo regrado: o paradoxo, a contradição, a aporia de uma partilha das distâncias – a utopia de um socialismo das distâncias”.*

O interesse em seguir o raciocínio proposto por Barthes é reconhecer que a possibilidade de uma distância construída é o que permite mediação entre os extremos indesejáveis, de uma simples solidão ou de um único ritmo de um lado e de uma dissolução por excessiva aproximação, dos ritmos próprios que asseguravam àqueles elementos anteriores sua alteridade.

Pois, segundo ele, para aproximar ritmos distintos é preciso encontrar a “justa medida”; a distância necessária para que a alteridade se mantenha e ao mesmo tempo o contato se faça possível. Usaremos então essa metáfora que permite pensar o Viver-Junto.

Vale acompanhar desse ponto a proposição de Michael Sorkin (2001, p. 19) para quem a civilidade nasce justamente do atrito resultante do convívio com aqueles que não são nossos “iguais”. Nos seus termos:

“La fricción urbana es la señal del límite y un constituyente sintomático de los gradientes de la sociabilidad urbana. Esta fricción, mediante la señalización de la diferencia, sitúa los límites internos de la ciudad así como sus fuentes potenciales de conflicto. De hecho, la misma idea de convivencia es producida por ese conflicto, reforzado por el carácter físico de la vida urbana. No es una tautología sugerir que el único entrenamiento para vivir juntos consiste en vivir juntos”.

A criteriosa operação que refreia o ímpeto do traçado regular, aqui permite a justa medida para o viver-junto de modo civilizado. Os arquitetos autores não atuam a partir desses conceitos. A ação de projeto e a atenção à vida vivida os permite concluir na peculiaridade do conhecimento mobilizado pelo projeto e,

portanto, por outros meios, alcança resultados semelhantes àqueles conceitualmente propostos pelos autores em seus textos.

O conjunto ganha uma feição renovada, mas não inédita. O frescor vem do convívio com o que já está lá. O que foi removido dá lugar a novos edifícios (para abrigar as famílias das remoções e outras) ou a novos caminhos; as retificações bastante presentes estão identificadas na implantação em roxo (ver figura 7). Em termos numéricos: do total de 178 unidades existentes, foram mantidas 128, removidas 50, retificadas 22, construídas 61, resultando no projeto 189 unidades habitacionais.

Outro aspecto que merece atenção é a liberdade com que ao desenhar a cidade se desenham os edifícios, não porque parte de uma mesma “totalidade unitária”, hábito da visão moderna, mas porque do urbano ao arquitetônico se pode constituir articulações oportunas para as duas situações. Vejamos: uma das casas consolidadas na Rua Sérgio Cardoso, número 239, em um lote particular, que a princípio não entraria na lista de remoções, é justamente aquele onde se dá uma das ligações de esgoto da Sabesp e na confluência do nó de caminhos no interior da quadra.

Uma vez removida, é substituída por um conjunto de circulação urbana – escadaria e elevador público – articulado a um pequeno edifício habitacional de cinco pavimentos. O último pavimento abriga um salão comunitário e se encontra na cota da viela longitudinal intermediária, articulado a Praça 1 e a travessia transversal, até então inexistente, conectando as Ruas Monteiro Lobato, Sérgio Cardoso e a Vela Amilton Fernandes. Novo caminho, novo edifício articulador do lugar e, importante ressaltar, praça e caminhos articuladores mas não linearmente contínuos, mantêm o lugar e suas práticas. Edifício como “casas”, circulação vertical pensada como “rua”, associando unidades habitacionais a uma circulação vertical aberta e pública (ver figuras 8 e 9).

O projeto permite reconhecer a potência de intervenção a partir de uma prática de quem se permite conviver com o que lá está mais do que apenas “visitar tecnicamente” o local de intervenção. E, ao lá estar, com liberdade e domínio, poder imaginar uma intervenção a partir do real que, entretanto, não se priva também de certo ideal, sem que com isso se faça “terra arrasada” e invente um ponto zero inédito, premissa da intervenção. Pois, sabe-se, o lugar guarda também na sua materialidade as lembranças e as práticas de quem mora lá.

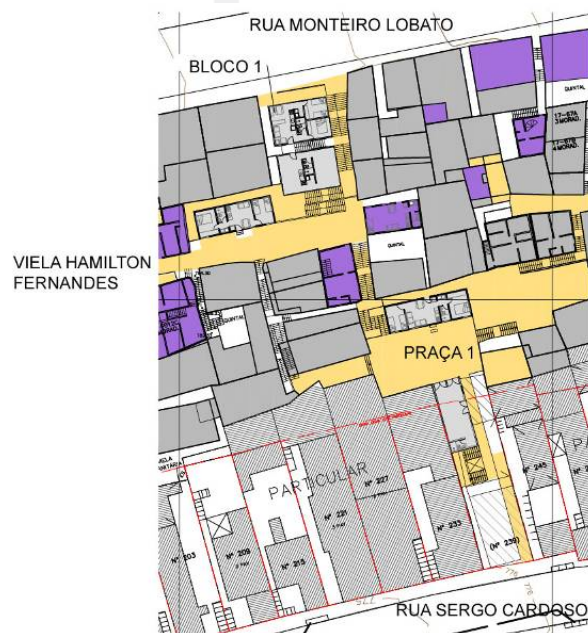


Figura 8: ampliação do trecho de conexão transversal, observar articulação do novo edifício construído no lote da casa n. 239 removida em área consolidada viabilizando conexão transversal entre Ruas Monteiro Lobato e Sérgio Cardoso e a estratégica em manter a não continuidade da via Amilton Fernandes. Em roxo casas retificadas; desenhos com layout, construção nova; em ocre, circulação e pequenos largos e praças. Fonte: Barossi Nakamura arquitetos.

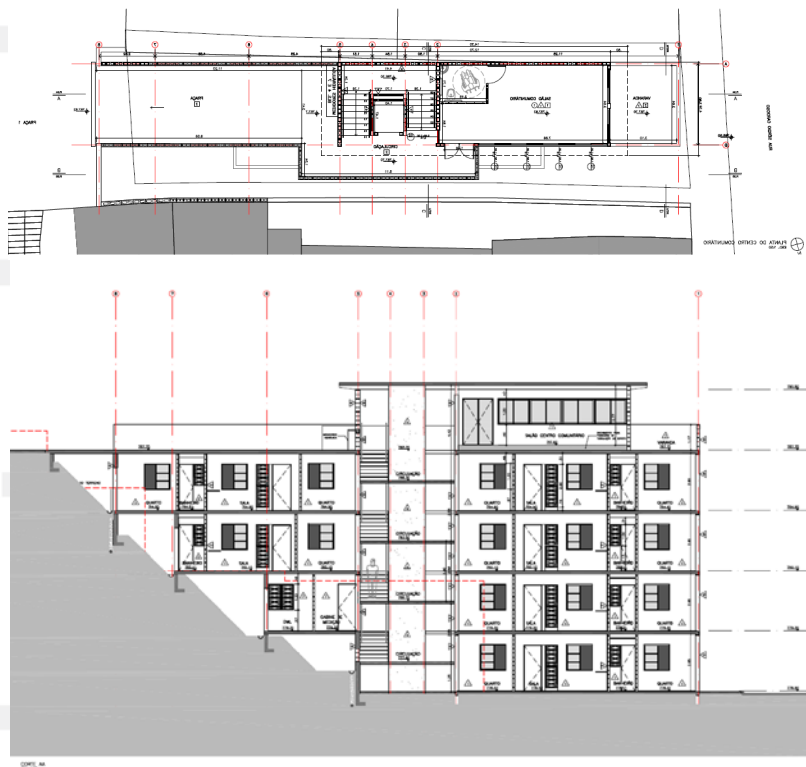


Figura 9: planta e corte do edifício bloco 4 revelando a circulação vertical pública e o salão

comunitário associados a praça 1 na conexão vertical com rua Sérgio Cardoso. Fonte: Barossi Nakamura arquitetos.

Desse ponto interessa aproximar Michel de Certeau que se envereda pela confluência entre história, filosofia e sociologia, para reconhecer que a habitabilidade está intrinsecamente associada à ideia de lembrança. Em seus termos, a partir de uma entrevista com uma moradora da Croix-Rousse em Lião, concedida a Pierre Mayol diz:

“Estamos ligados a este lugar pelas lembranças (...). É pessoal, isto não interessaria a ninguém, mas enfim é isso que faz o espírito do bairro”. Diante da frase, Certeau observa: “Só há lugar quando frequentado por espíritos múltiplos, ali escondidos em silêncio, e que se pode ‘evocar’ ou não. Só se pode morar num lugar assim povoado de lembranças (...)” (de Certeau, 1994, p.189).

Essa abordagem, inscrita em “A invenção do cotidiano, no livro 1: Artes de Fazer”, está em um trecho significativamente intitulado “Críveis e memoráveis: a Habitabilidade”. Fala sobre lugares e passado, lembra que as paisagens se constituem lugares na medida em que sua materialidade abriga também fatos ocorridos indissociáveis à sua rememoração. Lembrar, na maioria das vezes, é recuperar certo acontecimento em certa paisagem. Nesse sentido acompanha-se o autor para quem:

“Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações conquistadas na dor e no prazer do corpo.” (de Certeau, 1994, p.189)

Numa compreensão do lugar praticado, valioso, mesmo quando não tem um traçado esperado. Interessa perceber como a estreita escadinha entre duas casas na Rua Sérgio Cardoso é mantida, articulada ao sistema de caminhos renovado no interior da quadra. Reconhecer como possível a manutenção daquela “fresta”, saber hierarquizar diferentes modos de abertura para a rua – na ampla escadaria ou nos patamares praças, mais amplos sem abrir mão de manter as pequenas passagens, estreitas, resguardadas a ponto de parecerem “soleiras”, remete-nos aos termos propostos por Hertzberger no trecho intitulado “o intervalo” (1999, p.32):

“A soleira fornece a chave para a transição e a conexão entre áreas com demarcações territoriais divergentes e, na qualidade de um lugar por direito próprio, constitui, essencialmente, a condição espacial para o encontro e o diálogo entre áreas de ordens diferentes.”

A pequena e estreita escadinha entre duas casas na Rua Sérgio Cardoso é mantida pela proposta, ajustada a associada a uma continuidade de caminhos redesenhados no interior da quadra. Manutenção e transformação, fazer e consertar, procedimento recorrente neste projeto que tão bem sabe manter, no sentido de preservar e articular.

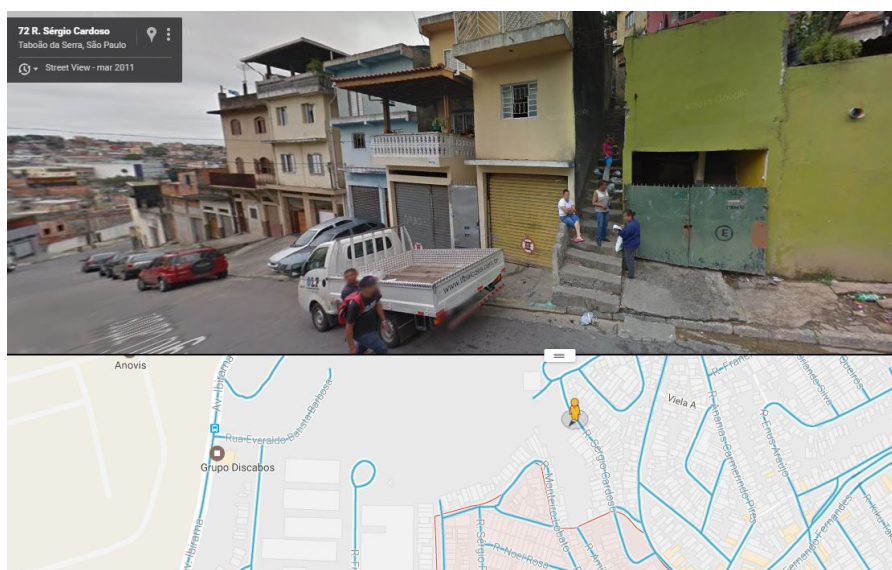


Figura 10: escadinha na Rua Sérgio Cardoso, quase imperceptível no deslocamento, mas "porta" inequívoca do conjunto – merece atenção as pessoas sentadas nos degraus flagrada pelo Google como quem fica na "soleira de casa". Fonte: Google maps, acesso em março de 2017.

Pois aqui, na Urbanização proposta para Santo Onofre por Barossi e Nakamura, vale saber consertar. Será Sennett em "Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação", a retomar esse termo na perspectiva do valor social da cooperação. Das modalidades propostas por ele estamos diante de um caso de reconfiguração (que re-imagina a forma e o uso do objeto, tendo também situações de retificação (que substitui por partes melhores tendo em vista mesmo fim). Importante observar o desconforto que a palavra conserto traz na acepção em português, na qual está impregnado a ideia de que algo se perdeu e que consertar é sobretudo apenas remediar uma situação, longe do desejável. Mas, se consertar parece, até então, uma saída quando não se pode ter um objeto novo (em tempos atuais, aparentemente mais desejável), vale perguntar: estaremos diante de um desconforto ainda associado à ideia de que o inédito tem mais valor que o existente?

Bourriaud, em outros termos, e atento a arte contemporânea produzida após 1990, reconhece também outro valor no uso do existente. Segundo ele não se trata mais de fazer "tábula rasa" ou de criar a partir de um material virgem. Nas suas palavras, "a pergunta artística não é mais: "o que fazer de novidade?", e sim: "o que fazer com isso?"(2009, p13). Os artistas atuais, segundo ele, programam formas, ou seja, em vez de transfigurar um elemento bruto, eles utilizam o dado, usando como metáfora dessa nova paisagem da arte a "feira de usados", e os artistas dessa natureza agem como "locatários da cultura" que inventam protocolos de uso de estruturas existentes. Uma herança reconhecida em Duchamp, que trata de atribuir uma nova ideia a um conhecido objeto. A metáfora do DJ, diante de produtos existentes, esse artista mostra um itinerário pessoal no universo dado (sua Playlist) ao encadear os elementos em uma determinada ordem. A autoria percebe-se ao revê-la no contexto dessa articulação que edita dados, e da edição que configura uma obra inédita. Bourriaud nos convida a

reconhecer como tarefa histórica desse começo do século XXI “não partir novamente do zero nem se sentir sobrecarregado pelo acúmulo da História, mas inventariar e selecionar, utilizar e recarregar”. (2009, p109).

No caso do projeto em análise para Santo Onofre, esse recarregar se reconcilia também com o corriqueiro do mundo, com a produção imprecisa de uma realidade não formal. E se por um lado Bourriaud está atento ao uso de outros autores – caso legítimo e recorrente também em algumas obras arquitetônicas contemporâneas – aqui interessa o uso do ordinário, do corriqueiro, do banal.

A convivência se dá com corpos variados, os novos edifícios variam de pequenos sobrados a pequenos edifícios, o mais alto deles, Bloco 6, com oito andares, no extremo na altura da rua Monteiro Lobato, próximo a Rua Ásia, onde fica a UBS Jardim Scândia/Jardim Panorama, vizinho ao bloco 7 com cinco pavimentos. Novamente equação urbana e arquitetônica, na configuração de pequenas praças que articulam a rua próxima a UBS, as unidades habitacionais e os edifícios a constituir paisagem renovada com novas unidades.

O conjunto da intervenção remete a “difícil unidade” nos termos de Venturi, em que a inclusão é prioritária frente à exclusão. Não apenas socialmente, mas também na sofisticada materialidade arquitetônica, que permite tecer tanto a vida vivida quanto a precária materialidade, a ser dotada de dignidade e mantida na renovada paisagem.

CONCLUSÃO / CONCLUSION

Giulio Carlo Argan (1992) observa que em toda cidade real existe uma cidade ideal a alimentar seu imaginário. Mas o ideal no século XXI parece menos afeito à idealização das grandes utopias abstratas – típica do pensamento moderno (não apenas da arquitetura moderna, mas, de toda a visão de mundo moderno) – e mais próximo a um desejo de realidade. Reinold Martin no significativo artigo intitulado “Crítica a quê? Rumo a um realismo utópico” provoca (2013, p.273):

“... a questão da utopia precisa ser posta de novo sobre a mesa da arquitetura. Mas não deve ser interpretada equivocadamente como uma invocação do mundo perfeito, um mundo à parte, uma totalidade impossível que fatalmente se transforma em totalitarismo.”

Almejar transformações atentas à realidades existentes permite vislumbrar uma natureza de utopia que permita usufruir da realidade como meio também de reinventá-la.

Urbanização Santo Onofre se encontra nessa chave, de reconhecer a realidade existente. Na medida mesma em que a transforma, mantém. Propõe algo a partir do presente tendo em vista, necessariamente, uma construção futura. E, para isso, inevitavelmente interpreta dados materiais, técnicos, simultaneamente atentos à vida humana, realidades ali vividas e valoradas, insufladas de outras possibilidades. Ao fazer isso, embrenha-se na experiência real.

E, para que isso possa ocorrer, é preciso arquitetos com um profundo domínio técnico-poético que não realizam “terra arrasada” nem trabalham com pura abstração, pois se inserem na dita realidade local. Dado facilmente observado na equação que mantém 128 unidades existentes, retifica 22 unidades e constrói 61 unidades novas. Reconhece o existente, aprimorando-o em tecido renovado, derivado da ideia do “concerto”, nos termos entendidos por Sennett. Realiza uma natureza de operação que, ao final, resulta em arquitetura apta a certa utopia, no sentido de ambicionar um mundo melhor, editado também a partir da realidade já existente.

O projeto aproxima-se do que foi preconizado por Venturi na estratégia inclusiva em direção ao um “todo difícil”, mas se afasta desse mesmo autor ao fazer arquitetura como parte de uma paisagem material existente, imiscuindo-se nela, uma voz a mais no conjunto edificado afeito a harmonias dissonantes. Nesse sentido, mais próximo do entendimento da oficina de Sennett entre o fazer e consertar, e da imagem do DJ proposta por Bourriaud, construindo arquitetura com quem usufrui da mercadoria disponível também na loja de usados. Uma arquitetura apta a se inserir no tecido contraditório da cultura, sem preconceito em fazer parte lado a lado com aquilo que se nomeia de modo pejorativo “baixa cultura”, resultado de autoconstrução.

Menos obra única, realizada sobre terra arrasada, por um autor detentor da “verdade” e mais uma singular voz que se aproxima em diálogo com as lembranças e realidade, tal qual as encontrou. Nem pura realidade, nem pura ficção, obra de ficção baseada em fatos reais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

- ALMEIDA, Eneida de; BOGÉA, Marta. *Patrimônio como memória, memória como invenção*. Arqtextos, São Paulo, ano 17, n. 195.04, Vitruvius, ago. 2016 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/17.195/6175>>.
- ARGAN, Giulio Carlo. *Cidade ideal e cidade real*. Em: _____. *História da Arte como História da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARTHES, Roland. *Como Viver Junto*. São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- BOGÉA, Marta. *Tempo: matéria prima da arquitetura*. Em: VASCONCELLOS, Juliano Caldas de e BALEM, Tiago (org.). *Bloco (10): ideias sobre futuro*. Novo Hamburgo: Feevale, 2014.
- _____. “Baseado em fatos reais”. Anais do 1. Colóquio Internacional ICHT 2016 “Imaginário: Construir e Habitar a Terra” FAUUSP, 2016.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Pós-Produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

HERTZBERGER, Herman. *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MARTIN, Reinhold. *Critica a quê? Rumo a um realismo utópico*. Em: SYKES, A. Krista (org.). *O campo ampliado da arquitetura: antologia teórica 1993-2009*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

NAKAMURA, Milton. Palestra proferida no Seminário Projeto em Pauta: Arquitetura Contemporânea. FAUUSP, setembro de 2015.

SENNETT, Richard. *A oficina: Fazer e consertar*. Em: _____ *JUNTOS: Os rituais, os prazeres e a política da cooperação*. Rio de Janeiro: Record, 2012. Parte três: Fortalecendo a cooperação capítulo 7.

SORKIN, Michael. *El tráfico em la democracia*. In: Quaderns d'Arquitectura i Urbanisme. *En tránsito / In transit*, Barcelona, n. 231, Col.legi d'Arquitectes de Catalunya, 2001.

SOULAGES, François. *A ficção fotográfica: antropologia e estética*. Em: catálogo da exposição *A invenção de um mundo: coleção da Maison européenne de la photographie*, Paris. São Paulo: Itaú Cultural, 2009.